

Cómo citar / How to cite: Bento Tavares, W. J. y Marques Gonçalves, A. T. 2023. O manual militar como artefato cultural: Vegécio e a ordenação do passado romano no Compêndio da arte militar (século IV d. C.). *Antigüedad y Cristianismo* 40, 1-26. <https://doi.org/10.6018/ayc.579661>

O MANUAL MILITAR COMO ARTEFATO CULTURAL: VEGÉCIO E A ORDENAÇÃO DO PASSADO ROMANO NO COMPÊNDIO DA ARTE MILITAR (SÉCULO IV D. C.)

THE MILITARY MANUAL AS A CULTURAL ARTIFACT: VEGETIUS AND THE ORDERING OF THE ROMAN PAST IN THE *ÉPITOMA REI MILITARIS* (FOURTH CENTURY AD)

Wendryll José Bento Tavares

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Goiano- Laboratório de Estudos sobre o Império*

Romano (LEIR-GO)

Goiânia, Brasil

wendryll.tavares@ifgoiano.edu.br

orcid.org/0000-0002-8827-6946

Ana Teresa Marques Gonçalves

*Universidade Federal de Goiás- Laboratório de Estudos
sobre o Império Romano (LEIR-GO)*

Goiânia, Brasil

anateresamarquesgoncalves@gmail.com

orcid.org/0000-0001-6020-3860

Recibido: 29-7-2023

Aceptado: 1-11-2023

RESUMO

Nosso objetivo neste artigo é apontar o Compêndio Militar de Vegécio como um manual militar, isto é, um tipo de discurso construído na Antiguidade Tardia no qual o autor se apresenta como um mestre dos temas bélicos, interessado em ensinar aos leitores e/ou ouvintes técnicas capazes de retomar o passado glorioso romano no campo das contendas marciais. A partir do uso da concepção de tempo cíclico e da elaboração de conjuntos de exemplos, de fatos e de personagens mitológicos e históricos, Vegécio produziu um relato que se alicerçava em saberes tradicionais, no intuito de garantir aos romanos o retorno das vitórias bélicas na Antiguidade Tardia.

Palavras-chave: Vegécio; Manual Militar; Memória; História Militar; Antiguidade Tardia.

ABSTRACT

Our objective in this paper is to point out Vegetius' *Epitoma rei Militaris* as a military manual, that is, a type of discourse constructed in Late Antiquity in which the author presents himself as a master of warlike themes, interested in teaching readers and listeners techniques capable of resuming the glorious roman past in the field of martial disputes. From the use of the concept of cyclical time and the elaboration of sets of examples, facts, and mythological and historical characters, Vegetius produced a report that was based on traditional knowledge to guarantee the Romans the return of warlike victories in Late Antiquity.

Keywords: Vegetius; Military Manual; Memory; Military History; Late Antiquity.



SUMARIO

1. Introdução. 2. O manual militar de Vegécio como artefato cultural. 3. A construção de uma ordenação cíclica da história. 4. Os *exempla* e a mobilização de diversos sedimentos do passado. 5. Considerações finais.

1. INTRODUÇÃO

O *Compêndio da Arte Militar*, de autoria concedida ao escritor latino Públio Flávio Vegécio Renato, é um documento textual que podemos identificar como pertencente à tradição dos manuais didáticos da Antiguidade Tardia, especificamente os manuais militares. Tal tradição textual foi, durante muito tempo, identificada principalmente por conta de sua importância extratextual, ou seja, sua aplicação na definição das estratégias latinas nos campos de batalha. No entanto, sua releitura tem passado por significativas viradas do ponto de vista de sua análise hermenêutica. Apesar da existência de autores que ainda defendam um uso prioritariamente prático para os romanos (Campbell 1987, 23), ou seja, extratextualista, prevalece na contemporaneidade a perspectiva de analisá-los como textos, isto é, como construções discursivas integralmente produzidas a partir de definições retóricas e\ ou oratórias. Um expoente de tal leitura é, por exemplo, Marco Formisano, para quem “tratados técnicos antigos podem ser vistos como parte do discurso literário antigo e podem ser lidos como textos ao invés de somente como fontes para a história da ciência e da tecnologia” (Formisano 2018, 492). A partir desta premissa metodológica, a construção de textos tem passado a receber cada vez mais destaque em detrimento de uma relação desses manuais com o que era feito do ponto de vista prático, seja no âmbito da agricultura, da arquitetura ou da guerra. Tal possibilidade analítica permitiu uma oxigenação na proposição de perguntas para esse tipo de fonte documental. Conor Whately, por exemplo, propôs a seguinte abordagem ao estudar manuais voltados para temáticas bélicas: “o que eu escolhi fazer foi ler os manuais, do prático ao teórico, como artefatos

culturais e não como meios de reconstruir a própria guerra” (Whately 2015, 261). Para além da correspondência entre o que tais textos prescrevem e o que era praticado militarmente, existe um potencial enorme para se estudar as teias de significado que seus respectivos autores estabeleciam para o mundo em que estavam enraizados. É sob essa perspectiva teórico-metodológica que propomos analisar o *Compêndio da Arte Militar* atribuído a Vegécio. Todavia, antes de chegarmos a essa análise, parece-nos fundamental apresentarmos o documento e seu autor para um leitor ainda não familiarizado com este importante veículo literário.

Quando se trata de datação, a ampla maioria dos debatedores da obra a circunscreve ao arco temporal entre 383 e 450 d.C. Dentro desse contexto maior, existe certa controvérsia para tentar uma datação mais específica. Alguns dos maiores expoentes desse debate no momento são os pesquisadores Walter Goffart e N. P. Milner. O primeiro defende uma datação da obra entre os anos de 427 e 430 d.C. e seu endereçamento ao Imperador Valentiano III (Goffart 1977, 85). Já o segundo advoga por uma datação um pouco mais recuada, estabelecendo seus limites para o governo de Teodósio I (Milner 2001). Tal posição prevaleceu nos últimos anos e foi seguida por um número de importantes estudiosos da fonte, podendo ser citados como exemplos: T. D. Barnes (1979), A. Marcone, (2007) P. Richardot (1998), M. Reeve (2004), J. G. Monteiro (2009), D. P. Aguilar (2006) e Autor (2021). Esse último pesquisador tentado circunscrever ainda mais a datação do texto ao defender “que o *Compêndio da Arte Militar* foi escrito entre 384 e 388 d.C.” (Tavares 2021, 210). O texto do documento foi separado em quatro livros pelo próprio autor, sendo o primeiro escrito como um livreto (*libellus*).

Foi essa recepção que estimulou, segundo o próprio Vegécio, a produção dos três livros seguintes (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. II, Pref.). De maneira bem resumida, o primeiro livro trata da seleção e treinamento dos recrutas, o segundo livro visa apresentar o que o autor define como a tradição (*mos*) do exército antigo, o terceiro livro se dedica a uma defesa da luta da infantaria pesada e o último livro se dedica à *poliorcética* e aos preceitos da guerra naval (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, Pref.).

Mas quem era Flávio Vegécio Renato? Antes de mais nada, é preciso esclarecer que todas as informações que temos a respeito da biografia desse personagem são retiradas das obras atribuídas a ele: o *Compêndio da Arte Militar* e o *Compêndio da Arte Veterinária*. Pela análise de seu nome, depreende-se que ele era um aristocrata de uma importante família senatorial hispânica ou gaulesa com grandes propriedades e dedicada à criação de cavalos (Milner 2001, xxxiii). Além disso, Vegécio ocupou pelo menos um cargo no primeiro escalão do governo imperial, o que lhe deu o *status* de *comes* (Aguilar 2006, 20) e lhe permitiu dialogar diretamente com o *augustus* (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. II, pref.). Tratava-se também de alguém que recebeu uma educação formal de alto nível para os padrões da segunda metade do século IV e início do século V d.C., o que lhe proporcionou a oportunidade de estudar autores da estirpe de Virgílio, Salústio e Varrão, além da literatura militar, como Frontino, Catão e Cornélio Celso (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, VIII). É possível informar que o autor hispânico não cita nominalmente autores gregos e, por isso, possivelmente, não lia grego com fluência suficiente para proceder a citações diretas das obras helênicas, com a única exceção de Homero (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, V). Por último e não menos importante, é preciso lembrar que além de possuir toda essa educação clássica em textos da tradição latina, ele foi também um autor cristão adepto da versão trinitária (Vegécio. *Compêndio da*

Arte Militar. II, V), embora isso não tenha se refletido de maneira determinante em seu manual militar.

Dois elementos dessa sucinta biografia são fundamentais para as páginas que se seguem: o pertencimento de Vegécio a um estrato aristocrático da sociedade tardo romana, a educação recebida por ele e com ecos de toda uma tradição latina de textos. Isso porque procuramos analisar algumas passagens do *Compêndio da Arte Militar* percebendo como seu autor mobiliza e (re)constrói uma certa memória romana e uma determinada projeção de reforma militar. Ou seja, procuramos estudar tal documento como um artefato cultural em que se percebe umbilicalmente relacionadas as categorias de memória e identidade.

2. O MANUAL MILITAR DE VEGÉCIO COMO ARTEFATO CULTURAL

Antes de mais nada, é importante delimitar o uso que se faz aqui de artefato cultural. O termo artefato tem o sentido de um objeto manufaturado com determinados fins. Seguindo a trilhada apontada por Whately, não se trata só de enxergar nesses textos questões militares, mas uma produção de um autor pertencente a um contexto. Sendo assim, o termo cultural aqui é utilizado porque tal objeto permite travar contato com aquilo que Clifford Geertz chama de cultura, ou seja, o conjunto de “teias de significado que ele mesmo [o homem] teceu” (Geertz 2008, 4). Portanto, o tratamento dos manuais militares como artefatos culturais permite analisar esse tipo de fonte a partir da perspectiva de narrativas construídas para, antes de tudo, prender a atenção dos leitores e\ ou ouvintes. Tendo esse ponto claro, é possível seguir para a apresentação de alguns pontos importantes.

Um dos pressupostos teóricos essenciais para a construção do presente artigo pode ser encontrado em *Ilhas de História*, obra em que o eminente antropólogo estadunidense Marshall Sahlins (1997, 181) coloca em questão “uma série inteira de oposições calcificadas, pelas

quais habitualmente compreendemos ambas, a história e a ordem cultural”. Para ele, tal problema, o da antítese entre história e ordem cultural (sistema e evento, infraestrutura e superestrutura), recai na relação entre conceitos culturais e experiência humana, ou dito de outra forma: “como conceitos culturais são utilizados de forma ativa para engajar o mundo” (Sahlins 1997, 181). Sahlins (1997, 8) estuda como essas relações são construídas nas ilhas polinésias e como a própria noção de história (entendida aqui como um mecanismo de organização temporal e não como uma ciência) possui uma grande variedade cultural. Segundo ele: “a história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com esquemas de significação das coisas. Partindo dessa premissa, temos observado que Vegécio se apropria de conceitos culturais convencionais em determinados contextos empíricos a partir de reavaliações práticas deles. Ele recebe eventos em termos de conceitos *a priori* e mobiliza em seu relato tais conceitos recebidos com modificações dotadas de suas respectivas subjetividades.

Nesse ponto é que a ideia proposta por Sahlins (1997, 89) fica ainda mais interessante para nossa proposta de trabalho, já que afirma que “as pessoas, enquanto responsáveis por suas próprias ações, realmente se tornam autoras de seus próprios conceitos; isto é, tomam a responsabilidade pelo que sua própria cultura possa ter feito com elas”. Ou seja, há uma inflexão empírica de significado a conceitos recebidos pela cultura por conta de projetos pessoais. E mais, ao avançar no ataque à dicotomia entre conceitos culturais e atividades práticas, Sahlins (1997, 192) defende que “a cultura é justamente a organização da situação atual em termos do passado”. Ela seria o diálogo entre sentido e referência, já que essa última põe o primeiro em risco por conta do sujeito inteligente (que pensa e age) e o mundo intransigente. E esse diálogo nasceria da síntese entre estrutura e história, sistema e evento e “passado e presente” (Sahlins 1997,

181). Essas premissas nos mostram como a própria ordenação do tempo pode ocorrer de maneira diferente a depender da sociedade, do contexto histórico e das próprias pessoas que operam essa organização. Nesse sentido, é interessante evocar as ideias de um importante historiador, que tem dedicado atenção especial para a questão do ordenamento do tempo: François Hartog.

Este historiador francês popularizou sua noção de Regimes de Historicidade. Em *Time, History and the Writing of History*, ele aponta que:

Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma sequência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência (*Erfahrung*) do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca e de vivenciar nosso próprio tempo. Abre a possibilidade de e também circunscreve um espaço para obrar e pensar. Dota de um ritmo a marca do tempo, e representa, como se o fosse, uma ‘ordem’ do tempo, à qual pode-se subscrever ou, ao contrário, e o que ocorre na maioria das vezes, tentar evadir-se, buscando elaborar alguma alternativa (Hartog 1996, 96).

Existiriam, no Ocidente, diferentes regimes de historicidade predominantes em diferentes momentos. Nesse ponto é possível observar grande aproximação entre essa noção de Hartog, leitor de Reinhart Koselleck (2007), e a divisão que o alemão constrói entre o *topos* da *Historia magistra vitae* e o *topos* moderno. Para ambos, é possível identificar, pelo menos de uma maneira geral, a forma pela qual os homens discorrem e vivenciam o tempo. Se para ambos o *topos Historia magistra vitae* vigorou até o século XVIII, quando o passado tinha um peso maior em relação ao futuro, com a Modernidade isso se inverteu e o futuro tomou o protagonismo quando se

trata das categorias passado, presente e futuro. Hartog vai mais além e defende que 1989 é um marco definidor de um novo regime de historicidade: o presentismo. Claro, o que nos interessa neste estudo é a tese proposta por Hartog de que existem ordens do tempo, e que Vegécio estaria enquadrado no Regime de Historicidade Antigo ou do *topos* da *Historia magistra vitae*. O mesmo autor, no livro *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*, fornece-nos uma outra chave interpretativa para pensar a ordenação do tempo no *Compêndio da Arte Militar*. Ao tratar das ordens do tempo e de como se deu a passagens do futurismo para o presentismo, o historiador francês separa um tópico para tratar das “brechas” (Hartog 2013, 19-26). Datando um ponto culminante em 1989, ele traça um cenário em que era possível perceber fendas abertas no regime de historicidade moderno décadas antes, ou mesmo rachaduras do tempo, percebidas, por exemplo, por autores como Hanna Arendt (2016), em *Entre o Passado e o Futuro*. Ora, se a passagem de um regime de historicidade a outro não acontece de forma repentina, é possível que indícios de brechas ou rachaduras sejam identificados muito antes de qualquer mudança significativa. Ou seja, a relação passado, presente e futuro começa a mostrar fragilidades dentro do próprio regime de historicidade e essas brechas podem ser superadas ou levar mesmo a uma ruptura.

A noção de regime de historicidade e seus desdobramentos são uma chave heurística fundamental dentro de nossa proposta. Isso porque ela nos ajuda a refletir sobre como uma sociedade pensa e trata seu passado ou, de maneira mais ampla, como ela designa “a modalidade de consciência de si de uma comunidade humana” (Hartog 2013, 28). Mais importante do que isso, essa noção é fundamental para perceber “momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vêm justamente perder sua evidência as articulações do passado, presente e futuro” (Hartog 2013, 37). O uso da noção de regime de historicidade, e tudo que isto implica em nossa análise do manual

vegeciano, se torna mais atrativo e interessante quando se trata de períodos de crise do tempo, caracterizados por um embaralhamento entre as hierarquias entre passado, presente e futuro, em que brechas nessa relação são abertas. Mas isso seria observável no contexto histórico de produção do *Compêndio da Arte Militar*? A nossa hipótese parte da possibilidade de que isso é possível. Sendo Vegécio um autor com determinadas características e específicas finalidades, seria possível perceber que a ordenação do tempo proposta por ele possui características muito típicas de um momento em que se observava certa crise no ordenamento do tempo.

Sendo assim, e por conta das limitações de tamanho impostas a este artigo, nossa intenção é perceber como ocorre a construção de significados a partir de conceitos culturais recebidos por Vegécio relacionados ao passado. Da união dos pontos apresentados até este ponto, surge a hipótese que alicerça o presente trabalho. Vamos a eles: 1. os manuais militares podem ser entendidos como artefatos culturais que possibilitam uma análise de seu texto de forma que não vise apenas encontrar correspondência na prática bélica contemporânea; 2. Vegécio, autor de um manual miliar, com propósito didático, é um cristão versado em uma longa tradição latina e ligado a determinado grupo social aristocrático; 3. A própria ordenação temporal possui uma multiplicidade cultural enorme e mesmo dentro de uma cultura é possível perceber variações identificadas com os projetos pessoais de certos atores, como Vegécio. A hipótese a ser testada é: o *Compêndio da Arte Militar* é um artefato cultural que, por conta das características e projetos de seu autor, é marcado por uma ordenação temporal que segue uma interpretação da história romana por ciclos, marca do *topos* da *Historia magistra vitae*, e que se coaduna com uma homogeneização do passado romano corporificada na mobilização de diferentes *exempla*, o que indicia a presença

de certas brechas temporais na construção da narrativa vegeciana.

Para verificarmos tal possibilidade de análise, separamos nosso itinerário em duas fases. A primeira é voltada especificamente para a descrição do passado romano, ou seja, verificar criticamente como Vegécio trata do passado romano em seu escrito, e como se refere ao transcorrer temporal até o momento em que o autor se situava. Assim, torna-se possível perceber como o autor propõe uma ciclicidade da história romana. Após essa primeira fase, elencamos os *exempla* mobilizados pelo autor e como sua enumeração corresponde a uma unificação de vários sedimentos do passado romano com fins didáticos para o tempo presente em que Vegécio realizava seu empreendimento literário. Feito esse trajeto metodológico retratado em dois itens, apresentamos algumas considerações finais.

3. A CONSTRUÇÃO DE UMA ORDENAÇÃO CÍCLICA DA HISTÓRIA

A primeira referência ao passado feita por Vegécio se encontra logo no capítulo de abertura da obra. Nele, é possível encontrar um elogio aos feitos militares romanos do passado e algumas referências aos povos derrotados pelos antepassados latinos. Segundo o autor:

Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pelo uso da organização militar. Na verdade, o que é que teria valido a escassez romana contra a multidão dos gauleses? O que é que teria podido ousar a baixa estatura romana face à elevada estatura dos germanos? É manifesto que os hispanos foram superiores aos nossos, não só pelo número, mas também pelas forças dos corpos; nós sempre fomos inferiores às astúcias e às riquezas dos africanos. Ninguém duvidou de que fomos vencidos pelas artes e prudência

dos gregos. Mas contra tudo isto foi útil escolher habilmente o recruta, foi útil ensinar as regras, para me exprimir assim, das armas, foi útil fortificar pelo exercício diário, foi útil antecipar em trabalho de campo tudo o que pode acontecer na linha de batalha e nos combates e foi útil castigar severamente a negligência¹ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, I).

Nesta passagem, é possível perceber a evocação de um passado glorioso garantido a partir de um tripé militar: o treino das armas, a disciplina dos acampamentos e o uso da organização militar. Identificamos neste excerto um primeiro indício de uma homogeneização de toda a história romana. Em seguida, são apresentados alguns dos povos contra os quais os romanos lutaram. Um primeiro exemplo é o dos gauleses, inimigos poderosos que são lembrados por Vegécio por conta de seu grande número. Essa vinculação dos gauleses à multidão remete ao famoso texto que descreve as campanhas na Gália lideradas por Júlio César. É na obra atribuída ao famoso general romano, por exemplo, que encontramos várias referências à multidão dos gauleses enfrentadas por ele. Em um dos exemplos, é relatado que, durante os embates entre o líder romano e Ariovisto²:

No dia seguinte, César deixou ajuda em cada um dos acampamentos, na frente do campo inferior, ele postou todas as tropas aliadas, tentando usá-

1 *Nulla enim alia re videmus populum Romanum orbem subegisse terrarum nisi armorum exercitio, disciplina castrorum usuque militiae. quid enim adversus Gallorum multitudinem paucitas Romana valuisset? Quid adversus Germanorum proceritatem brevitatis potuisset audere? Hispanos quidem non tantum numero sed et viribus corporum nostris praestitisse manifestum est; Afrorum dolis atque divitiis semper impares fuimus; Graecorum artibus prudentiaque nos vinci nemo dubitavit. Sed adversus omnia profuit tironem sollerter eligere, ius, ut ita dixerim, armorum docere, cotidiano exercitio roborare, quaecumque evenire in acie atque in proeliis possunt omnia in campestri meditatione praenosceri, severe in desides vindicare.*

2 Chefe dos Suevos na passagem do segundo para o primeiro século a.C.

las para uma demonstração, pois a força total de suas tropas legionárias valia pouco em comparação à multidão dos números inimigos, ele mesmo marcha em direção ao campo inimigo com o exército em linha tripla³ (César, *Sobre a Guerra Gálica*, I, 51,1).

Os gauleses são caracterizados no texto de César, portanto, pela sua superioridade numérica. Perceba-se que a imagem associada aos gauleses no texto do século I a.C. ainda era reproduzida por Vegécio no século IV d.C. Um elemento interessante da narrativa do autor tardo antigo é que, se ele tinha as expedições de César na Gália entre 58 e 52 a.C. como uma referência para pensar os gauleses, é possível também elencar outras referências. Ao tratar de materiais que poderiam ser usados em armas de torção na falta de cordas (*nerui*), o autor hispano relata um episódio muito marcante da história romana:

E é, sem dúvida, verdade que o cabelo das mulheres não tem uma utilidade menor para esse gênero de engenhos, tal como se comprova em momentos difíceis da história de Roma: com efeito, no cerco do Capitólio, danificados os engenhos de torção por um serviço contínuo e longo, tendo acabado a provisão de tendões, as matronas cortaram os cabelos para os entregarem aos seus homens que combatiam, posto o que, reparadas as máquinas, esses repeliram o ataque dos adversários⁴ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*, IV, IX).

3 *Postridie eius diei Caesar praesidio utrisque castris quod satis esse visum est reliquit, alarios omnes in conspectu hostium pro castris minoribus constituit, quod minus multitudinem militum legionariorum pro hostium numero valebat, ut ad speciem alariis uteretur; ipse triplici instructa acie usque ad castra hostium accessit.*

4 *Indubitatum vero est crines feminarum in eiusmodi tormentis non minorem habere virtutem Romanae necessitatis experimento. Nam in obsidione Capitolii corrupti iugi ac longa fatigatione tormentis, cum nervorum copia defecisset, matronae abscisos crines viris suis optulere pugnantiibus, reparatisque machinis adversariorum impetum repperunt.*

O que se infere é uma referência ao famoso episódio ocorrido no ano de 386 a.C., quando os gauleses tomaram Roma, com exceção do Capitólio, que aparece, por exemplo, mencionado em Políbio (*Histórias*, I, VI-2)⁵. Essa referência a um evento ocorrido no século IV a.C. é retomada outras duas vezes na obra, todas no último livro da mesma; uma no prefácio, que trata da importância do conhecimento da *poliorcetica* e outra no capítulo XXVI, que concerne às precauções para que o inimigo não ocupe furtivamente a muralha. Ao tratar dos gauleses na obra, Vegécio deixa transparecer a mobilização de dois momentos históricos de Roma muito distantes, separados por mais de dois séculos entre si, como se possuíssem certa uniformidade. Ou seja, “os gauleses” seriam identitariamente identificáveis como “os gauleses” não importa quando temporalmente falando. Esse é um indício importantíssimo para entendermos a própria concepção de passado do autor e a formatação que ele faz da memória romana. Os inimigos são compostos em bloco, sem diversidades, em representações homogeneizantes no tempo e no espaço (Matyszak 2013; Kershaw 2020).

5 Conforme apresentamos na introdução, no geral, Vegécio não cita nominalmente autores de textos militares em língua grega. No entanto, a única exceção, a de Homero, indicia que havia uma incorporação da tradição militar do mundo grego por parte do autor romano. Ou seja, Vegécio poderia ser um autor sem grande fluência em grego, mas que saberia ler minimamente esses textos ou, pelo menos, conheceria eventos relatados por autores que escreveram em grego. Um autor que destaca a questão da fluência do autor do *Compêndio da Arte Militar* é Milner, para quem: “Ele [Vegécio] parece ser da aristocracia senatorial ortodoxa do final do quarto século, impregnada de clássicos latinos como Virgílio e Salústio, mas em geral ignorante do grego” (Milner 2001, xxxvii). A preferência do autor pelos textos latinos é expressa, por exemplo, ao tratar das fontes para tratar do recrutamento: “Na verdade, os Lacedemônios, os Atenienses e outros Gregos expuseram muitas matérias em livros a que dão o nome de *tactica*, mas nós devemos pesquisar o sistema militar do povo romano, que alargou o seu império a partir de territórios pequeníssimos quase até às regiões do sol e aos confins do próprio Mundo” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*, I, VIII).

A fim de reforçarmos essa compreensão, é interessante citar mais um dos povos nomeados por Vegécio: os germanos. Vegécio frisa a grande estatura física (*proceritas*) que eles possuiriam e que os identificariam após um rápido olhar. Antes de mais nada, é preciso dizer que até mesmo a separação entre gauleses e germanos encontra precedente em César, já que ele diferencia os gauleses dos germanos ao apontar que os segundos: “nem possuem druidas, os quais são responsáveis pelas coisas divinas, e nem observam os sacrifícios” (César, *Sobre a Guerra Gálica*. VI, 21). Se a diferenciação entre germanos e gauleses é passível de ser encontrada no século I a.C., a evocação à imagem da grande estatura é encontrada na obra *Germânia*, por exemplo. Tácito assim enuncia: “Até o aspecto de seus corpos [dos povos da Germânia], embora haja um grande número de pessoas, é igual em todos: olhos selvagens e azuis, cabelos ruivos, grandes corpos válidos somente para o combate” (Tácito, *Germânia*. 4). Temos nesta passagem uma representação dos germanos que remete ao final do século I d.C., já que, como lembra Maria Cecília Albernaz Lins Silva de Andrade, a obra de Tácito é datada de 98 d.C. (Andrade 2011, 8). É importante ressaltar também que, deste modo, Vegécio estabelece, da mesma forma que fez ao tratar dos gauleses, uma grande generalização identitária para falar dos germanos.

Em seguida, em seu relato, ele desdobra o tripé romano ao falar de cinco ações que levaram ao sucesso bélico latino: escolha dos recrutas, ensino das regras das armas, exercício diário, antecipação de situações e punição da negligência. Ou seja, diante das enormes dificuldades colocadas por aqueles povos elencados anteriormente, foram essas ações que resultaram no sucesso verificado no passado romano. Assim, se os inimigos são homogeneizados no *Compêndio da Arte Militar*, o sucesso romano contra eles também o é. Note-se que “o passado” é retoricamente construído como somente “o passado”, sem qualquer delimitação e complexidade mais

precisa. Essa questão narrativa sofre uma pequena alteração num próximo trecho da obra. Ao apontar que a população do campo (*plebs rustica*) seria mais apta para o serviço das armas, já que trabalharia sob o sol, desconheceria os banhos e os prazeres, e, por isso, seria dotada de espíritos simples e se contentaria com pouco, ou seja, estaria habituada a uma vida mais frugal, Vegécio registra também que as necessidades poderiam levar ao recrutamento da população urbana e faz um registro muito importante para sua compreensão a respeito do passado romano. Segundo ele:

Não se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhum prazer e por nenhum luxo; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava a terra⁶ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, III).

Imprescindível perceber que ao elogio aos *mores* marciais romanos do passado se juntou também uma crítica às novidades morais e de hábitos urbanos. Roma foi o ponto de partida de uma população que guerreava, mas essa cidade era de uma juventude que se exercitava e se banhava no rio Tibre, uma juventude guerreira e agricultora ao mesmo tempo (*idem Bellator*, *idem agricola*). Aí é que é evocada a figura de Lúcio Quíncio Cincinato, considerada o símbolo do perfeito equilíbrio entre a vida guerreira e a campesina. O episódio narrado no *Compêndio da Arte Militar* remete

6 *Nec inficiandum est post urbem conditam Romanos ex civitate profectos semper ad bellum, sed tunc nullis voluptatibus, nullis deliciis frangebantur; sudorem cursu et campestri exercitio collectum natans iuventus abluebat in Tiberi; idem bellator, idem agricola, genera tantum mutabat armorum; quod usque adeo verum est ut aranti Quintio Cincinnato dictaturam constet oblatam.*

ao passado republicano relatado, por exemplo, nas páginas de Tito Lívio. Isso porque diante de uma invasão dos équos e da incompetência do cônsul Náucio em lidar com o ataque, a ditadura foi oferecida a Cincinato no ano de 458 a.C. O relato de Lívio esclarece que, quando da chegada dos emissários do Senado, Cincinato cuidava de suas quatro jeiras de terra com a enxada em mãos ou usando uma charrua. Tal caso é tão simbólico que o general mandou sua mulher, Racília, buscar sua toga na cabana (*tugurium*) e, só depois de se limpar, recebeu a ditadura (Tito Lívio, *História de Roma desde a Fundação da Cidade*. III, 26).

Se a evocação a eventos recuados oito séculos continua a demonstrar a tendência da obra vegeciana de homogeneizar o passado glorioso romano, por outro lado, nesse trecho, também é possível perceber um elemento novo: o alerta ao enfraquecimento causado pelos prazeres (*voluptates*) e pelos luxos (*deliciae*). Se até agora era possível perceber somente um passado glorioso, a partir deste relato já se torna efetivo identificar referências a uma decadência dos *mores*, que estaria concorrendo para a perda da glória militar. Não havia *fama* sem *existimatio*, isto é, a reputação pública era edificada sobre a execução ostensiva de boas ações cívicas. Isso fica mais explícito quando Vegécio começa a explicar como os recrutas deveriam ser introduzidos nos exercícios militares. Ao iniciar suas instruções, ele lança um aviso: “mas a negligência provocada por um longo período de segurança aboliu o uso desta coisa. Conhece-se alguém que possa ensinar aquilo que ele próprio não aprendeu?” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 8). Ou seja, a um período glorioso se seguiu uma fase de enfraquecimento ético e político, o que também demonstra a existência de uma sucessão temporal na narrativa vegeciana. No relato, também é possível identificar a origem desses dois males dentro da narrativa vegeciana: a negligência (*dissimulatio*) pelas coisas militares como consequência de uma longa segurança (*longa securitas*) estabelecida no interior do Império. Nada em excesso leva à

prosperidade, nem a manutenção prolongada da *securitas*.

Essa perspectiva a respeito da forma como a segurança continuada acabou gerando efeitos devastadores para a organização social e militar era um tema recorrente na literatura romana. Carlin A. Barton, autora de *The Price of Peace in Ancient Rome*, ao tratar do final da República, argumenta que os romanos naquele momento acreditavam que a:

paz e a prosperidade levariam diretamente ao conflito social e à destruição do contrato social. Desta forma, palavras que nós associamos com paz e ócio (*otium, inertia, desidia, ignavia, socordia*) eram associadas por eles com covardia e falta de vontade, energia efetiva, *uirtus*. Palavras associadas com atividade extenuante e tensão (*labor, indústria, exercitio, disciplina, duritia, studium, vigilantia*) assinalavam energia, vigor, vitalidade, elevação (Barton 2007, 247).

Vegécio claramente serve para corroborar essas ideias, que ele encontrou nas diversas fontes que ele mesmo afirma ter consultado (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 8). No entanto, o interessante é que a noção de que a paz e a segurança estariam associadas a diversos problemas desagregadores não é uma mera reprodução de textos antigos, mas um dos traços mais fortes da escrita vegeciana. A paz seria responsável por gerar negligência e essa destruiria o tripé do sucesso romano: o treino das armas, a disciplina dos acampamentos e o uso da organização militar.

No entanto, é preciso abrir um parêntese para afirmar que existe um tipo de paz que parece aceitável a Vegécio: aquela que fosse resultado de uma vitória bélica. Ou seja, o *continuum* temporal vegeciano seria uma sucessão ininterrupta de períodos de guerra sucedidos por fases de paz. Essa concepção está posta na frase mais conhecida do manual militar escrito por ele: “portanto, quem desejar a paz que prepare a guerra” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. III, Pref.). Como

lembra Barton, ao fazer uma diferenciação entre duas esferas da relação romana com a *pax*, internamente a paz seria sinônimo de contrato (*fides*), mas externamente ela englobaria “guerra, derrota, humilhação, coação; isso geralmente fez parte de uma matriz de palavras associadas com rendição, suplicação e confissão (*deditio, supplicatio, confessio*) (Barton 2006, 247). Isto é, por estar produzindo uma obra sobre a temática militar, Vegécio professa a ideia de que a única *pax* aceitável, agradável e necessária seria aquela advinda da vitória e da submissão do inimigo estrangeiro. E, ao celebrar a juventude romana do passado e personagens importantes louvados pelos *mores*, ele reafirmava que naquele tempo os romanos estavam sempre preparados para o conflito, mesmo passando por fases pacíficas. Além disso, o conflito interno, a *stasis*, era mal visto por opor irmãos e enfraquecer as hostes latinas, enquanto os conflitos externos serviam para manter a administração sobre os territórios conquistados e a prosperidade no interior das fronteiras.

Dito isso, é preciso voltar ao tema da paz como elemento de desagregação dos costumes para entendermos como Vegécio apresenta exemplos factuais deste fenômeno. Ainda no livro I, ele apresenta a seguinte enunciação:

Mas a segurança da longa paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis. Assim, o cuidado com o treino militar foi, em primeiro lugar, encarado de uma forma mais negligente, depois abandonado, e, por último, há muito tempo que caiu no esquecimento, conforme se sabe. E que ninguém se admire que isto tenha acontecido em uma época superior, sabendo-se que, depois da Primeira Guerra Púnica, se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabituação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal. E

assim, depois de tantos cônsules, de tantos generais e de tantos exércitos perdidos, só alcançaram de novo a vitória quando conseguiram aprender a prática e o treino militares. Por isso, os recrutas devem ser sempre selecionados e treinados. Na verdade, sabe-se que é mais barato treinar os seus soldados nas armas do que contratar estrangeiros a soldo⁷ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, XXVIII).

Logo no primeiro trecho é possível encontrar mais uma referência à paz quando ela se mostra desagregadora. Ela é responsabilizada por levar os homens aos prazeres do *otium* e às carreiras civis. O termo *otium* era associado à ausência de *uirtus*, sendo essa definida por Jeremiah B. McCall (2002, 79), em *The Cavalary of the Roman Republic*, como “coragem marcial”. Tempos em que essa coragem marcial não era necessária também levariam à escolha das carreiras civis em detrimento das militares. Haveria um processo nessa desintegração em que o cuidado com os exercícios militares seria inicialmente negligenciado, para depois ser omitido até que caísse no esquecimento: *neglegentia, dissimulatio et obliuio*. Vegécio estabelece fases do processo de decadência da condução das coisas militares e alerta que isso havia ocorrido em uma época anterior. Ou seja, notamos que a decadência não era, na visão dele, um processo fatalista e inevitável, mas que existiriam ciclos de virtude e de vício, que se sucederiam, mas que seria possível, pelo ato de educar e preparar

⁷ *Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii, partim ad civilia transduxit officia. Ita cura exercitii militaris primo neglegentius agi, postea dissimulari, ad postremum olim in oblivionem perducta cognoscitur. Nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum viginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique victores otio et armorum desuetudine enervaverit ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent. Tot itaque consulibus, tot ducibus, tot exercitibus amissis, tunc demum ad victoriam pervenerunt cum usum exercitiumque militare discere potuerunt. Semper ergo legendi et exercendi sunt iuniores. Vilius enim constat erudire armis suos quam alienos mercede conducere.*

o homem, a possibilidade de que os ciclos de virtude se estendessem por mais tempo e que se conseguisse diminuir a ocorrência dos ciclos de vício. Para o registro factual desse processo de enfraquecimento, Vegécio evoca o intervalo temporal entre a Primeira e a Segunda Guerra Púnica, ou seja, o período entre os anos de 241 e 219 a.C.

Ao consultarmos as fontes documentais, que fazem referência ao período citado por Vegécio, percebemos que, inicialmente, tal acusação de paz seguida pela *neglegentia* militar não se configurava factualmente para o período referenciado. Por exemplo, ao lermos Políbio, é possível encontrar referências a incursões romanas em direção à Ilíria (Políbio, *Histórias*. II, 2.1), o domínio de Apolónia (Políbio, *Histórias*. II, 11.1) e principalmente incursões contra os gauleses, como os eventos de 224 a 222 a.C. mostram (Políbio, *Histórias*. II, 30.1-34.15). O próprio Políbio reconheceu que, por conta do número de mortos, pela audácia dos combatentes e pelo número dos envolvidos, essa última guerra contra os celtas em nada foi inferior a outras travadas pelos romanos (Políbio, *Histórias*. II, 35.2). Se uma análise mais acurada dos documentos literários não permite afirmar que o período entre as duas primeiras guerras púnicas não foi necessariamente marcado pela paz, por que Vegécio evocou especificamente esse recorte? A resposta, em nossa opinião, pode ser entendida a partir de dois elementos narrativos. O primeiro relaciona-se às derrotas romanas no início da Segunda Guerra Púnica, tendo como principal referência o desastre de Canas (216 a.C.)⁸. Mas essa evocação só ganha sentido no texto vegeciano por conta da injunção narrativa feita por ele entre Canas e Adrianópolis⁹. Um segundo elemento está na

colocação de bons *exempla* para a recuperação militar romana.

A atenção de Vegécio não se direciona necessariamente para os anos entre as guerras, mas sim ao processo que levou de uma vitoriosa guerra (Primeira Guerra Púnica) até uma humilhante derrota (Canas, quando o cartaginês Aníbal derrotou o exército romano liderado pelo general Varrão). Vegécio não está preocupado com a precisão factual, mas sim com a defesa de seus argumentos e isso é fundamental para a estruturação de nossa inferência neste artigo. Além disso, é preciso lembrar que a memória de Canas era muito impactante e sua evocação era rapidamente assimilada entre os contemporâneos do autor. Por exemplo, um outro escritor que faz menção à Adrianópolis em comparação a Canas é Amiano Marcelino. Segundo ele, no final de sua análise dos eventos de 378 d.C:

Ainda que nunca nos anais lemos acerca de nenhuma derrota romana que tivesse chegado ao massacre, com a exceção da derrota de Canas, em ocasiões os romanos, prejudicados pela fortuna, sofreram derrotas pontuais nas guerras¹⁰ (Amiano Marcelino, *Histórias*. XXXI. 13, 19).

Nessa passagem das *Histórias*, encontramos um ponto importante para entendermos os motivos para essa analogia, pois acreditamos que Vegécio estava fazendo um paralelo entre os eventos do terceiro século a.C. e aqueles vivenciados por ele, a partir de uma recepção compartilhada e entendida por seus contemporâneos. Defendemos que ele está comparando as duas batalhas para reafirmar a possibilidade de recuperação militar romana a partir de um evento de grande impacto no

8 Batalha travada entre romanos e cartagineses na Segunda Guerra Púnica, que contrapôs as forças de Aníbal Barca às tropas latinas comandadas pelo Cônsul Caio Terêncio Varrão. Dá-lhe nome a planície na Apúlia, região sudeste da Península Itálica, na qual os romanos vivenciaram uma derrota intensa.

9 Enquanto Canas ocorreu em agosto de 216 a.C., a batalha de Adrianópolis foi travada em agosto de 378

d.C., contrapondo as legiões romanas comandadas pelo Imperador Valente aos germânicos, acompanhados de godos, alanos e hunos, que se enfrentaram numa planície da Trácia, na atual Turquia. O *Dominus*, trinta e cinco tribunos e dois Cônsules pereceram na batalha.

10 *nec ulla annalibus praeter Cannensem pugnam ita ad interneccionem res legitur gesta, quamquam Romani aliquotiens reflante Fortuna fallaciis lusi bellorum iniquitati cesserunt ad tempus.*

passado e deixando clara sua compreensão cíclica do tempo. Ora, em linhas gerais, o raciocínio seria o de que se os romanos se recuperaram depois de Canas, isso também poderia ocorrer depois de Adrianópolis.

Em nossa opinião, a melhor chave interpretativa para entender esse processo de equiparação de Canas a Adrianópolis é dada por François Hartog (2014, 48) em *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Nessa obra, o importante historiador francês confronta o texto de Heródoto a partir das injunções narrativas, ou seja, “injunções não exteriores e impostas, mas interiores e produzidas pela própria narrativa no processo de sua elaboração”. Hartog (2014, 75) explora como o signifiante “citas” foi construído na obra por meio de diversos predicados e como, por meio de um processo de desvio sistemático, uma prática cita era interpretada por Heródoto em relação a uma homóloga grega. Nesse sentido, as campanhas de Dario contra os citas poderiam ser entendidas a partir das campanhas de Xerxes contra os gregos, ou seja, “a guerra cita não é, com efeito, inteligível senão através do modelo fornecido pelas Guerras Greco-Pérsicas”. Ora, enxergamos a mesma injunção no texto vegeciano, já que, em nossa leitura, só é possível entender o papel de Canas no *Compêndio da Arte Militar* a partir da derrota sofrida pelos romanos pouco tempo antes da escrita dos livros vegecianos em Adrianópolis. O entendimento de um evento de um passado mais recuado era feito a partir das chaves fornecidas por outro fenômeno ocorrido mais recentemente.

O paralelo da degeneração que levou a Canas é lembrado como exemplo negativo, mas são registradas duas passagens em que são enumerados os sucessos de Cipião Emiliano, neto adotivo de Cipião, o Africano, que não só retomam os perigos dessa deterioração, mas tratam da importância dos grandes generais para a restauração militar. Ao falar da importância do treinamento dos jovens com armas de flecha, Vegécio enuncia:

Na verdade, Cipião Africano, quando se preparava para enfrentar os numantinos em batalha, os quais tinham submetido os exércitos do povo romano, não acreditou que seria possível lhes ser superior a não ser que misturasse arqueiros selecionados em todas as centúrias¹¹ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 15).

E quando trata da importância do general para recuperar tropas recebidas de outros comandantes, ele lembra de Cipião, novamente no livro III, ao recodar os eventos ligados à Numância:

Cipião Africano aceitou frequentemente exércitos da Hispânia que tinham sido vencidos sob o comando de outros generais; mas, guardada a regra da disciplina, Cipião treinou esses exércitos tão aturadamente na feitura de todos os trabalhos e escavação de fossos que costumava dizer que aqueles que não tinham querido molhar-se com o sangue dos inimigos deviam, ao escavar, sujar-se de lama; com esses mesmos homens tomou por fim a cidade dos numantinos e mandou-os queimar, de forma que nenhum conseguiu escapar¹² (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. III, 10).

Diferentemente do exemplo anterior, em que Vegécio só trata de maneira genérica da recuperação da prática e do treino militares pelos cônsules e generais, nesta passagem há uma clara personalização da recuperação a partir das ações de Cipião Emiliano. Os

¹¹ *Africanus quidem Scipio, cum adversus Numantinos, qui exercitus populi Romani sub iugum miserant, esset acie certaturus, aliter se superiorem futurum esse non credidit nisi in omnibus centuriis lectos sagittarios miscuisset.*

¹² *Scipio Africanus sub aliis imperatoribus Hispanienses exercitus frequenter victos accepit; hos disciplinae regula custodita omni opere fossisque faciendis ita diligenter exercuit ut diceret fodientes luto inquinari debere qui madere hostium sanguine noluisent; cum ipsis denique Numantinos capta civitate sic concremavit ut nullus evaderet.*

eventos lembrados por Vegécio remetem a 134 a.C., ano em que “Cipião foi eleito para um segundo mandato como cônsul e recebeu a província da Hispânia Citerior” (Goldsworthy 2016, 141). Como lembra Apiano, na obra *Guerras Hispânicas*, ele foi enviado à Numância com apenas quatro mil voluntários (Apiano, *Guerras Hispânicas*. 84), os quais se juntariam às tropas que por lá já estivessem. Segundo o próprio Apiano, os romanos estavam cansados da Guerra Numantina e mandaram para lá seu melhor general, ao que Vegécio faz coro, já que ele aponta que tais exércitos haviam sido derrotados sob o comando de outros comandantes¹³.

De forma diversa do exemplo do período entre guerras, neste manual as antigas práticas foram rapidamente retomadas por conta da existência de um grande general. O relato de Vegécio se encerra com a vitória na guerra de cerco e na vitória acachapante que Apiano também relata. A diferença entre os dois autores está no fato de Vegécio ter afirmado que os habitantes da cidade foram queimados e Apiano apontar que, separados cinquenta numantinos para o triunfo de Cipião em Roma, os outros foram vendidos como escravos (Apiano, *Guerras Hispânicas*. 98). Feita essa ressalva, o que gostaríamos de enfatizar é a maneira pela qual Vegécio convoca um grande personagem do passado para fazer elogios a suas ações e para mostrar que, de fato, os romanos haviam se recuperado da humilhação sofrida em Canas com um herdeiro militar direto daquele que reorganizou as linhas

13 É possível notar grande semelhança entre o que apontam Apiano, Vegécio e Frontino. Se sabemos que Vegécio frisou a questão da disciplina nos trabalhos, Apiano se desdobrou na expulsão de elementos indesejados dos acampamentos, na proibição de certas práticas mágicas e na retomada de certa frugalidade (Apiano, *Guerras Hispânicas*. 85). Já para Frontino, Cipião Emiliano foi um exemplo porque expulsou os civis que acompanhavam as tropas dos acampamentos, restaurou os exercícios diários, marchou com as tropas, repreendeu os que agiam com preguiça e foi vetor de grande severidade (Frontino, *Estratagemas*. 4, 1.1). Vegécio, que cita Frontino diretamente (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. II, 3), provavelmente retirou tal exemplo da leitura dos textos desse último.

romanas após aquela derrota: Cipião, o Africano. Essa relação entre as duas figuras nos parece que é feita de tal maneira que Vegécio propositalmente denomina Cipião Emiliano de Africano.

Como esses trechos nos mostram, sempre que os antigos são trazidos ao texto, eles reforçam o tripé da fórmula de sucesso militar para Vegécio. São diversas as passagens no texto que focam no treino das armas, na disciplina dos acampamentos e no uso da organização militar. O importante é que todas remetem ao passado glorioso romano, seja ele mais próximo ou mais distante temporalmente do enunciante. Para ilustrar esta constatação, levantamos alguns trechos que possibilitam a construção dessas referências. O primeiro se apresenta quando o autor trata exatamente da questão do treinamento:

De acordo com o que se lê nos livros, os antigos treinavam os recrutas desta forma: teciam escudos de vime arredondados à maneira de grades, de forma a que cada um tivesse de peso duas vezes mais do que costuma ter o escudo comum e davam também aos recrutas, em vez de gládios, maças de madeira igualmente com o dobro do peso; e, deste modo, treinavam contra os postes, não apenas pela manhã, mas também depois do meio-dia¹⁴ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, XI).

Nesta passagem é possível perceber uma outra tendência na obra para retomar eventos do passado romano: fazer referência aos livros antigos. Neste excerto, Vegécio mostra isso de forma vaga, ao apontar a existência de livros, sem indicar diretamente quais. Há claramente uma referência à sua formação dentro da tradição de textos latinos, sendo parte integrante de uma formação intelectual

14 *Antiqui, sicut invenitur in libris, hoc genere exercuere tirones: scuta de vimine in modum cratium corrotundata texebant ita ut duplum pondus cratis haberet quam scutum publicum habere consuevit, itemque clavus ligneas duplicis aequae ponderis pro gladiis tironibus dabant, eoque modo non tantum mane sed etiam post meridiem exercebantur ad palos.*

típica do grupo social ao qual o autor pertencia. Em tal trecho também se remete à passagem do segundo para o primeiro século a.C., quando os métodos de treinamento de gladiadores foram introduzidos na preparação das tropas. Acreditamos que aqui se encontra uma referência indireta à incorporação desse tipo de preparação militar à reforma atribuída ao general Mário¹⁵. Consideramos inclusive que no *Compêndio da Arte Militar* o autor fez uma referência indireta à famosa expressão das “mulas de Mário”. Ao falar do transporte de peso pelos soldados, a questão é assim apresentada: “os jovens também devem ser muito frequentemente obrigados a carregar um peso até 60 libras¹⁶ e a fazer um percurso em marcha militar, pois em expedições difíceis surge a necessidade de eles carregarem ao mesmo tempo a anona e as armas” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 19). Como lembra Pat Southern, o apelido “mulas de Mário” se originou do fato de que “cada soldado carregava não somente seu equipamento, mas também suas rações para diversos dias e os recursos para cozinhá-las” (Southern 2006, 95). Reputamos que a descrição da pesquisadora demonstra com grande precisão o trecho do texto vegeciano, afinal, o termo neutro plural “*arma*” corresponde adequadamente aos equipamentos, e o termo singular “*annona*” corresponde às rações e recursos para prepará-las.

Se anteriormente existem referências diretas à derrota de Canas e à capacidade de recuperação do exército polibiano, ao se falar dos eventos entre 241 e 219 a.C. e ao que se seguiu no segundo século a.C., neste manual vegeciano é possível perceber uma referência indireta aos modelos de organização militar romanos típicos do final da República e

início do Principado, momento marcado pela profissionalização do exército romano, quando as questões do treinamento e da disciplina ganharam ênfase. No entanto, o autor cria em sua narrativa um processo de reunião de *exempla* de momentos diferentes da história romana e se torna muito difícil diferenciar temporalidades no texto. Essa sobreposição de eventos de diferentes períodos da história romana é formatada, em geral, para construir um passado idealizado.

Se no capítulo dezenove, Vegécio aponta questões relativas às ditas “reformas de Mário”, ao comentar a disciplina no capítulo treze, ele o fez recorrendo a um elemento reconhecível à descrição do exército feita anteriormente também por Políbio. Para Vegécio:

Além disso, a disciplina do treino militar foi conservada entre os nossos antepassados tão severamente que não só os mestres de armas eram remunerados com o dobro da anona, como também os soldados que tinham progredido pouco nesta aprendizagem eram obrigados a aceitar cevada em vez de trigo, e nem a anona lhes era restabelecida em trigo antes que tivessem mostrado, na presença do prefeito da legião, dos tribunos ou dos oficiais superiores, por meio de provas concretas, que eles preenchiam todos os requisitos exigidos pela arte militar¹⁷ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, XIII).

Ao tratar do papel dos tribunos, Políbio narrava que esses organizavam as legiões e eram responsáveis por algumas punições disciplinares, entre as quais a de administrar rações de cevada ao invés de trigo para as unidades não íntegras (Políbio, *Histórias*. VI, 38.2). Essa acumulação de tempos e autores

15 Caio Mário era natural de Arpino, na Península Itálica, como Cícero, e foi escolhido Cônsul sete vezes, sendo referenciado como excelente comandante militar no período republicano. Em 107 a.C., ele conseguiu aprovar o pagamento de soldos para os soldados.

16 O historiador português João Gouveia Monteiro (2009, 404) aponta que essas vinte libras corresponderiam a “cerca de vinte quilos”.

17 *Ita autem severe apud maiores exercitii disciplina servata est ut et doctores armorum duplis remunerarentur annonis et milites qui parum in illa prolusione profecerant pro frumento hordeum cogerentur accipere nec ante eis in tritico redderetur annona quam sub praesentia praefecti legionis tribunorum vel principiorum experimentis datis ostendissent se omnia quae erant in militari arte complere.*

formando uma grande miscelânea de *exempla* para defender o tripé estabelecido por Vegécio pode ser mais uma vez mostrada quando o autor cita as *Geórgicas* de Virgílio para defender a importância do treino constante (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 19). Neste trecho, o passado e os autores latinos anteriores são evocados sempre para reforçar a superioridade do pretérito sobre o presente e as grandes qualidades dos romanos que viveram nesses momentos antigos. Contudo, há na obra um segundo marco para uma mudança na forma como os romanos lidavam com os costumes dos antepassados. Ao falar das armas utilizadas pelos antigos, Vegécio descreve:

O contexto exige agora que tentemos mencionar com que tipo de armas os recrutas devem ser equipados e protegidos. A este respeito, o costume antigo foi completamente apagado; pois ainda que, a exemplo dos Godos, dos Alanos e dos Hunos, as armas dos cavaleiros tenham melhorado, sabemos, contudo que os peões ficaram desguarnecidos. Na verdade, desde a fundação de Roma até à época do divino Graciano, o exército de infantaria era protegido não só por catafractas mas também por capacetes. Mas porque, instaladas a incúria e a preguiça, o exercício no campo acabou, aquelas armas que os soldados raramente utilizavam começaram a parecer um fardo; e assim, pedem ao imperador para devolverem em primeiro lugar as catafractas e, depois, os capacetes. Deste modo, desguarnecidos os peitos e as cabeças, os nossos soldados, enviados contra os Godos, foram muitas vezes aniquilados pelo grande número de arqueiros; e mesmo depois de tantas derrotas, que resultaram na destruição de tantas cidades, não foi sequer motivo de preocupação para ninguém devolver as catafractas e os capacetes

aos soldados de infantaria¹⁸ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, XX).

Se anteriormente o autor estabelece momentos no passado romano em que houve *neglegentia* do tripé do sucesso militar romano, somente em dois momentos tal conjunto de práticas militares chega até a *obliuio* ou ao perigo da destruição imperial: o período entre as duas primeiras guerras púnicas e a época que se seguiu ao governo do Imperador Graciano¹⁹. Em primeiro lugar, em nossa releitura, isso mostra como o autor traça um paralelo bem claro entre Canas e Adrianópolis, tanto para mostrar a magnitude das derrotas, quanto para demarcar as possibilidades de recuperação de um passado glorioso. Em segundo lugar, essa referência ao *diuus Gratianus* (ou seja, ao morto e divinizado Graciano) serve para estabelecer o marco final do processo de decadência do exército romano. Sempre encontramos no texto referências a um passado militar romano idealizado, mas até então era difícil estabelecer o parâmetro com o qual comparar esse passado glorioso a um presente problemático. Após os tempos de Graciano, a *neglegentia* e a *desidia* teriam passado a imperar no território administrado pelos romanos, tendo os exercícios nos campos sido abandonados até que o costume antigo fosse completamente apagado. Mais importante ainda, o autor faz uma referência direta às derrotas romanas para

18 *Locus exigit ut quo armorum genere vel instruendi vel muniendi sint tirones referre temptemus. Sed in hac parte antiqua penitus consuetudo deleta est; nam licet, exemplo Gothorum et Alanorum Hunnorumque, equitum arma profecerint, pedites constat esse nudatos. Ab urbe enim condita usque ad tempus divi Gratiani et catafractis et galeis muniabatur pedestris exercitus. Sed cum campestris exercitatio interveniente neglegentia desidiaque cessaret, gravia videri arma coeperunt quae raro milites induebant; itaque ab imperatore postulant primo catafractas, deinde cassides se refundere. Sic detectis pectoribus et capitibus congressi contra Gothos milites nostri multitudine sagittariorum saepe deleti sunt; nec post tot clades, quae usque ad tantarum urbium excidia pervenerunt, cuiquam curae fuit vel catafractas vel galeas pedestribus reddere.*

19 Flávio Graciano era filho do Imperador Valentiano I, natural da Panônia, e foi assassinado em 383 d.C., após sucessivas derrotas militares.

os godos e a destruição de cidades, ou seja, relacionada aos eventos entre 376 e 382 d.C.

O que se percebe nessa amostragem do texto do *Compêndio da Arte Militar* é que o ciclo temporal romano tem na injunção narrativa entre Canas e Adrianópolis os seus marcos. Quando se fala no ponto central defendido pelo autor, ou seja, o treino das armas, a disciplina dos acampamentos e o uso da organização militar, houve um processo de degradação das virtudes marciais que levaram a tais eventos. A nosso ver, Vegécio defende, a partir do *topos* da *Historia magistra vitae*, que é possível ler a história militar romana como ligada a um processo de perda dos *mores* marciais romanos e sua factível retomada. E a melhor forma de possibilitar essa retomada seria mobilizar os *exempla* de grandes homens do passado, que ao serem conhecidos poderiam vir a ser emulados.

4. OS *EXEMPLA* E A MOBILIZAÇÃO DE DIVERSOS SEDIMENTOS DO PASSADO

Ao se analisar os *exempla* relacionados a figuras pertencentes ao passado romano em busca da *imitatio* e da *aemulatio*, percebe-se a existência de diversos sedimentos de períodos históricos diferentes. Isso pode ser interessante porque, dessa forma, seria possível perceber como vários personagens e recortes diversos do pretérito romano foram utilizados na proposta de construção de futuro do autor do *Compêndio*. Isso significa que, em vários momentos, além da recomendação sobre o que deveria ser feito, Vegécio oferece aos leitores\ouvintes algum *exemplum* associado a determinado personagem ou evento da história romana (ou dos gregos, dos persas, entre outros povos arrolados pelo autor).

Antes de mais nada, é preciso reforçar que essa busca por um passado como parâmetro extrapola aquilo que atualmente aceitamos como um passado histórico, passível de ser determinado por resquícios e de ser datado com a maior precisão possível. Como exemplo dessa extrapolação, podemos lembrar

da presença de um passado mitológico²⁰, já que Homero é lembrado para tratar da estatura e da postura física dos jovens. Tideu é citado por sua força em detrimento da altura (Homero. *Iliada*. V, 801-804)²¹ e a primeira deve ter precedência sobre a segunda na escolha de *tirones*. Portanto, há nesta referência vegeciana uma possibilidade de referência a um tempo dos heróis das epopeias e da tradição literária antiga. Virgílio, cuja obra era latina, aparece referenciado diretamente, pois Vegécio usa uma passagem das *Geórgicas* (4. 92-94) para diferenciar visualmente bons e maus recrutas (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, 6) e para defender a importância do transporte de peso (Virgílio. *Geórgicas*. 3. 346-348) pelos recrutas (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, 19) ao longo de seu treinamento.

A idealização da vida no campo é parte constituinte do pensamento que opera uma confrontação entre os vícios da cidade e as virtudes do campo em Vegécio e busca muita inspiração no texto das *Geórgicas*. Entretanto, há um caso bem específico do uso de Virgílio e que está na epopeia produzida por ele, a *Eneida*. A abertura dela é a pedra fundamental de toda a construção de divisões da arte militar para Vegécio. Virgílio assim escreveu nos versos iniciais de sua obra: “As armas e o varão canto[...].” (Virgílio. *Eneida*. I. 1). A recepção de Vegécio desse verso se deu da seguinte forma: “Portanto, a arte militar, tal como afirma o notável escritor latino no início do seu poema, consiste em armas e em homens (Vegécio *Compêndio da Arte Militar*. II, 1). É perceptível

20 Tal artifício era bem comum em coleções de estratégias e é atestado, por exemplo, nos *Estratagemas* de Polieno, em que o autor cita *exempla* de Hércules (Polieno. *Estratagemas*. I, 3) e Teseu (Polieno. *Estratagemas*. I, 4). Isso porque o *exemplum* poderia ser mais importante do que seu realizador e a origem identitária do mesmo.

21 É possível que, conforme já defendemos, que Vegécio não lesse os textos gregos com grande desenvoltura, mas que conhecesse o conteúdo desses textos. No caso de Homero, é bom lembrar também que a referência a ele poderia ser feita mesmo sem a direta leitura em grego da obra épica, visto que muitas passagens das epopeias eram traduzidas para o latim pelos *rectores* e deveriam ser memorizadas pelos estudantes latinos (Marrou 1990, 395-410).

a forma como a passagem virgiliana sofre um processo de ressignificação muito interessante. No texto da *Eneida*, o termo *arma* parece se referir não somente às armas em seu sentido literal, mas também aos “feitos militares, uma guerra, estado de guerra” (Glare 1968, 171). Isso porque Virgílio narra as diversas aventuras, inclusive militares, do herói troiano Eneias. Vegécio, por outro lado, entende o termo como o armamento que o soldado carrega e propõe uma separação entre cavalaria, infantaria e marinha, a partir da relação entre os homens e o tipo de armamento que eles utilizam. Neste sentido, é possível perceber como sua *imitatio* é carregada de subjetividade e como, do *exemplum* virgiliano, ele constrói sua própria categorização, que vai muito além daquilo que o próprio poeta escreveu.

O *exemplum* de Virgílio é extraído para criar uma concepção da arte militar, mas a maior parte do uso dele possui um aspecto mais parecido com aquele da referência as ações bélicas de Tideu, ou seja, tem um pragmatismo situacional. Por exemplo, quando trata da preferência pelos jovens do campo, Vegécio faz uma ressalva e lembra de determinada juventude romana como exceção à inferioridade dos cidadãos. Como já vimos (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 3), trata-se de um trecho que prescreve determinada defesa dos costumes militares romanos antigos (além de crítica aos *mores* contemporâneos). A questão é que há uma homogeneização de um período de três séculos, se contarmos da fundação da cidade até o oferecimento da ditadura a Cincinato em 458 a.C. (Tito Lívio. *História de Roma desde a Fundação da Cidade*. III, 26). Trata-se da recuperação de um passado militar romano comprimido e idealizado. Afinal, os registros escritos que chegaram a Vegécio sobre Cincinato foram produzidos séculos após o ocorrido. Além disso, o escritor estava rememorando algo ocorrido há mais de oitocentos anos, o que, convenhamos, é algo bem distante de seu contexto *per si*.

Se Cincinato é figura central nessa parte do *Compêndio*, uma citação de Salústio parece

reforçar no texto vegeciano essa tentativa de inovar pela recuperação dos hábitos da juventude republicana idealizada. O autor hispano enuncia: “Os adolescentes devem ser escolhidos tal como diz Salústio: ‘assim, em primeiro lugar, a juventude assim que era capaz de suportar a guerra, aprendia no acampamento, pelo seu trabalho, a prática militar’” (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, 4). Tal passagem é uma citação do seguinte excerto de *A Conjuração de Catilina*: “Pois, em primeiro lugar, a juventude assim que era capaz de suportar a guerra, aprendia no acampamento pelo seu trabalho a prática militar” (Salústio, *A Conjuração de Catilina*. I, 7, 4). Tal trecho, dentro do quadro geral da obra salustiana, é uma defesa da liberdade republicana após o fim da Realeza. Trata-se de uma República em que “os bons costumes eram cultivados em casa e no exército; a concórdia era máxima, a avareza era mínima” (Salústio, *A Conjuração de Catilina*. I, 9, 1). Tal República, todavia, foi sendo corrompida com a expansão romana e a ambição, a riqueza, a soberba, o desrespeito aos deuses até os eventos relacionados a Catilina. Portanto, figura-se uma outra referência a um passado idealizado, um empréstimo retirado do texto salustiano. O processo de *imitatio* empreendido por Vegécio foi muito interessante porque ele toma uma descrição do passado feita pelo primeiro e a transforma em fórmula de sucesso. Novamente, ele se apropria do conteúdo de um texto advindo da tradição latina, mas o adapta criativamente ao seu objetivo de oferecer uma solução aos problemas contemporâneos. A *aemulatio* era, antes de tudo, uma adaptação, uma homenagem aos clássicos.

Essa fase da República até a “degeneração” dos costumes dos ancestrais é lembrada como *exemplum* algumas vezes na obra vegeciana. Para tratar da importância das técnicas de defesa e ataque em casos de cerco, por exemplo, Vegécio rememora:

Mas o quanto são úteis as decisões de Vossa Clemência no que diz respeito à construção cuidadosa de muralhas

foi registrado em Roma, que salvou a vida dos cidadãos por meio da defesa da cidadela do Capitólio para que possuísse depois, de uma forma mais gloriosa, o império de todo o mundo²² (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. IV, Prefácio).

Trata-se da resistência à invasão dos gauleses ocorrida em aproximadamente 386 a.C., como sabemos pela releitura de Políbio (*Histórias*. I, VI-2). A maneira como se deu essa resistência é reverenciada como um grande feito de superação de adversidades por parte dos romanos, em que abundam grandes feitos, inclusive das matronas. Sobre elas, é relatado:

Com efeito, no cerco do Capitólio, danificados os engenhos de torção por um serviço contínuo e longo, tendo acabado a provisão de tendões, as matronas cortaram os cabelos para os entregarem aos seus homens que combatiam, posto o que, reparadas as máquinas, estes repeliram o ataque dos adversários²³ (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. IV, 9).

Sobre tal evento, ainda é feita mais uma referência: “Pois, os gauleses, tendo ingressado na cidadela do Capitólio, teriam arrasado o nome de Roma se Mânlio, prevenido pelo clamor dos gansos, não lhes tivesse feito frente” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. IV, 26). Ele cita tal passagem da história romana para defender a importância de possuir animais, como cães ou gansos, em regiões passíveis de ataque, para que alertem os defensores. O personagem citado é Mânlio Capitolino, figura lembrada como essencial na defesa de Roma durante a invasão gaulesa. Apesar de não tratar disso, é sabido que Mânlio caiu em desgraça

22 *Sed dispositionibus vestrae clementiae quantum profecerit murorum elaborata constructio Roma documentum est, quae salutem civium Capitolinae arcis defensione servavit ut gloriosus postea totius orbis possideret imperium.*

23 *Nam in obsidione Capitolii corruptis iugi ac longa fatigatione tormentis, cum neruorum copia defecisset, matronae abscisos crines uiris suis obtulere pugnantis, reparatisque machinis aduersariorum impetum reppulerunt.*

pública algum tempo depois, tendo em sua própria biografia um processo de decadência que simboliza o que se produziu na República. A degeneração republicana, já presente na citação de Salústio, é reforçada no final do primeiro livro vegeciano, quando a figura de Aníbal é citada. O personagem cartaginês é claramente colocada como sinônimo de excelência militar e os romanos, como homens enfraquecidos pela paz e pelos prazeres constantes. O autor aponta que os últimos “só alcançaram de novo a vitória quando conseguiram aprender a prática e o treino militares” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 28). Aníbal, relembremos, foi o principal líder cartaginês nos eventos que redundaram na Segunda Guerra Púnica (218-202 a.C.) e continuou a enfrentar os romanos na virada para o século II a.C., quando se tornou general sob Antíoco III²⁴. No caso, a referência feita pelo autor trata especificamente do período entre o final da Primeira Guerra Púnica (264-241 a.C.) e o desenvolvimento da segunda. Portanto, é um *exemplum* extraído claramente do terceiro século antes de Cristo e se sobrepõe a mais uma camada temporal no manual.

Um descendente da família do vencedor da Segunda Guerra Púnica também é citado: Cipião Emiliano. Ele é mostrado no livro I como *exemplum* de como instruir os jovens no manuseio de flechas (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 15). E a citação do nome dele trata de um evento bem específico, a Guerra Numantina de 134 a.C. Os próximos homens lembrados como *exempla* são contemporâneos entre si: Sertório e Pompeu. O primeiro é conhecido como um personagem romano que viveu entre a segunda metade do século II e a primeira metade do I a.C. (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 7). A sua virtude lembrada é exatamente a de saber escolher soldados, algo relatado, por exemplo, por Plutarco (*Vidas Paralelas*. Sertório. 4, 1-2). Assim, identificamos a colocação de mais uma camada temporal, já

24 O rei selêucida Antíoco III foi um grande estrategista militar, que usou seus conhecimentos bélicos para expandir os limites de seu reino.

que é introduzido um personagem que viveu entre 122 e 72 a.C. e que por muitos anos, depois de servir como um general romano, derrotou as tropas enviadas pelo império à Hispânia, tendo nunca sofrido uma derrota definitiva, mesmo com a cooperação das tropas de Metelo e Pompeu. Esse último também é evocado a partir da pena de Salústio²⁵, mas para ressaltar a importância do treino da marcha, corrida e salto. Sobre o grande general do período republicano é dito: “Salústio lembra, sobre a prática de Cneu Pompeu Magno, que ‘ele rivalizava com os ágeis no salto, com os velozes na corrida, com os fortes na luta’” (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 9). Trata-se de um dos homens mais importantes da fase de desagregação da República e um dos maiores generais da história romana, tendo participado do supracitado combate a Sertório, da luta contra a revolta de escravos liderado do Espártaco, do combate à pirataria, das guerras orientais e da guerra civil contra o grupo de Júlio César (Goldsworthy 2016, 203-241). Ele é, sem sombra de dúvidas, um *exemplum* de *uirtus*, embora só seja apresentado no relato vegeciano em contraposição a Sertório, um outro general de grande mérito guerreiro.

Bem, mas se o passado republicano é rememorado em diversos momentos, existem menções aos bons *exempla* do período do Principado entre os séculos I e II d.C. Logo no início do texto, a figura de Otávio Augusto é citada como *exemplum* de imperador disposto a aprender com as obras de artes liberais (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, Pref.). Há mais duas menções ao nome augustano, em ambas tratando não de suas virtudes, mas das decisões legais emanadas de sua pessoa. Em uma delas especificamente há uma referência à necessidade de praticar marchas três vezes por mês pelo exército (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 27) para a realização do *ambulatum*²⁶. Também se referencia neste

25 Esse trecho da obra foi perdido (Salústio. *Histórias*. II. 20) e a única referência que temos a ele é exatamente o texto de Vegécio.

26 O *ambulatum* foi assim definido pelo autor: “Além disso, não só permaneceu o antigo costume como

contexto literário a figura de Adriano na forma de suas decisões legais, que fomentaram a prática da marcha²⁷. Outra menção aparece dentro da listagem das fontes expressamente reconhecidas como tal por Vegécio. Ele elenca Catão, o Censor, Cornélio Celso, Frontino, Paterno e as constituições de Augusto, Trajano e Adriano (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 8). O primeiro foi um autor que viveu entre 232 e 149 a.C., o segundo vivenciou o século I d.C. e foi “autor de uma obra enciclopédica intitulada *Artes* e composto entre o ano 14 e 39 d.C.” (Paniagua Aguilar 2010, 208). O terceiro viveu toda a segunda metade do mesmo século e morreu no início do seguinte. O quarto foi contemporâneo dos imperadores Marco Aurélio e Cômodo na segunda metade do século II d.C.. As constituições fazem referência a *Princepes* que viveram o período entre o século I e II d.C. (Monteiro 2009, 506-507), sendo elas, as *constitutiones*, conjuntos de prescrições e disposições dos referidos governantes em termos de matérias militares (Paniagua Aguilar 2010, 217).

Vegécio também aponta *exempla* do terceiro e quarto século, ou seja, um período

é determinado pelas constituições do divino Augusto e de Adriano que, três vezes por mês, quer cavaleiros quer peões sejam levados para marchar; na verdade, designam este tipo de exercício pela palavra *ambulatum*. Ordena-se que os soldados de infantaria, armados e equipados com todo o tipo de armas, marchem dez mil passos e que, depois, regressem ao acampamento de tal forma que façam uma parte do percurso em passo de corrida, mais vivo. Também os cavaleiros, divididos em turmas e armados, percorriam a mesma distância, de maneira a, num exercício equestre, ora avançarem ora recuarem e a, numa manobra inversa, retomarem a carga. Contudo, ambas as formações eram obrigadas a avançar e a recuar, tanto em terrenos planos como em lugares íngremes e difíceis, para que nem por obra do acaso os combatentes tivessem de enfrentar uma situação que, por meio de um treino frequente, os bons soldados não tivessem aprendido antes” (Vegécio. *Compêndio da Arte Militar*. I, XXVII).

27 A figura de Cláudio, que aparece como *exemplum* na formação de grupos de *iaculatores* (lançadores de dardos) pode ser associada a algumas figuras: o imperador Cláudio (10-53 d.C.), o militar Ápio Cláudio Pulcro (que atuou no cerco de Cápua em 212 a.C. ou ainda o imperador Cláudio II, o Gótico (214-270 d.C.) (Monteiro 2009, 396). Diante dessa dificuldade, retiramos a figura de nosso quadro.

mais próximo ao momento em que ele escrevia sua obra. O primeiro deles envolve o sucesso no uso de *mattiobarbuli*, dardos de chumbo, por parte de Diocleciano e Maximiano (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 17). Ou seja, há uma clara referência aos eventos que se seguiram ao ano de 285 d.C. É possível constatar também uma referência a um dos imperadores contemporâneos ao próprio Vegécio, Graciano, um dos filhos de Valentiano I e *augustus* entre 367 e 383 d.C. O *exemplum* trazido pelo imperador era o de que, até o governo dessa figura, era comum a proteção da infantaria com o uso de catafractas e capacetes (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 20). Por último, e no encerramento do livro I, Vegécio volta a dialogar com o imperador a quem ele chama pelo adjetivo de *inuictus* (Vegécio, *Compêndio da Arte Militar*. I, 28), sinalizando deferência e respeito pela trajetória militar do governante e que definimos ser Teodósio I ainda no início deste artigo. Claro, ele não é propriamente uma fonte de *exempla* (embora no livro IV isso possa ser contestado), mas aquele que tomaria os exemplos de seus antecessores para se tornar e se manter invencível, como seu epíteto designativo indica. Para apreciação dos leitores e melhor compreensão dos personagens históricos usados por Vegécio na elaboração de seu *Compêndio*, apresentamos a seguinte tabela:

PERSONAGEM	RECORTE CRONOLÓGICO
CINCINATO	458 A.C.28
MÂNLIO E AS MATRONAS DA CIDADE	386 A.C.
ANÍBAL	247-183 A.C.
CATÃO-O-CENSOR	232-149 A.C.
CIPIÃO EMILIANO	134 A.C
SERTÓRIO	122-72 A.C
POMPEU	106-48 A.C

28 Colocamos uma data específica para determinados personagens porque a própria obra faz referência a um evento delimitado da vida desses.

OTÁVIO AUGUSTO	63 A.C.-14 D.C
CORNÉLIO CELSO	SÉCULO I D.C.
FRONTINO	35-103 D.C.
TRAJANO	53-117 D.C.
ADRIANO	76-138 D.C.
PATERNO	SEGUNDA METADE DO SÉCULO II D.C.
DIOCLECIANO	244-311 D.C.
MAXIMIANO	250-310 D.C.
GRACIANO	359-383 D.C.
TEODÓSIO I	347-395 D.C.

Tabela 01 – Lista de personagens citados na obra com referência ao recorte cronológico da atuação militar desempenhada por cada um como descrita por Vegécio em seu *Compêndio da Arte Militar*.

Fazendo esta breve listagem, é possível perceber que há uma rememoração de personagens e *exempla* que abarcam mais de 800 anos, tomando a datação do documento para a década de 380 d.C. Claro, tais homens só têm importância na narrativa na medida em que davam substância às ideias. Vegécio seleciona os *exempla* na medida em que reforçam suas ideias, podendo até mesmo deformar eventos para articular seu ponto de vista. Um caso bem explícito é o que ele evoca pela existência da proteção corporal de soldados até o governo de Graciano, algo contemporâneo a ele, mas que não se verificava no campo factual. A *imitatio* oferecida por ele não é, de forma alguma, uma mera sobreposição de *exempla*, mas é, dentro da reunião de diversas camadas temporais, uma elaboração retórica. Outro fator importante a se destacar em nossa análise, é que Vegécio poderia citar *exempla* contemporâneos ou extraídos dos campos de batalha mais recentes; todavia, esses não teriam o mesmo peso daqueles reconhecidos pela tradição. Deste modo, a própria educação romana entra novamente em questão. Vegécio era um *uir illustris*, um homem que havia ascendido a uma das mais altas camadas da já privilegiada ordem senatorial. Para os padrões do século IV d.C., isso significava que ele era de uma família importante e que teve acesso

a uma educação retórica que lhe permitia ter acesso às obras consideradas fundamentais para a formação de um senador.

Um autor que tentou perceber essa apropriação da tradição em Vegécio e sua relação com a educação de aristocratas na Antiguidade foi John Lendon, para o qual se verificariam duas tendências comuns desse tipo de educação, quando se trata de questões militares. Segundo ele:

Primeiro, havia uma tendência para conceber o passado como exemplar: para o instruído, o passado greco-romano oferecia não meramente um tesouro de experiência a ser convocado para uso, mas um cânone de ações excelentes que demandavam ser imitadas ou superadas. Segundo, essa educação encorajava uma concepção do passado que era peculiarmente achatada e desarticulada, uma concepção de passado (dividida com todos os povos pré-modernos) que nos parece um senso deficiente de que homens fizeram coisas diferentemente em diferentes eras do passado em resposta a necessidades diversas – uma tendência, em casos extremos, a ver tudo que aconteceu no passado como acontecendo ao mesmo tempo (Lendon 2005, 282).

No que tange à primeira tendência, não apresentamos divergência com as ideias do autor. Como mostramos, o passado romano fornecia um repositório de *exempla*, ou seja, um espaço de experiência que também se vislumbrava como perspectiva de orientação no horizonte de expectativas, mas também um cânone de ações simbolizadas pelos personagens da estatura de Cincinato, Sertório e Pompeu. No que tange à afirmação de que a concepção de passado de Vegécio era achatada e desarticulada e que, por isso, ele, assim como seus contemporâneos, tinha uma percepção do tempo (uma consciência histórica) rasa, precisamos fazer um exame mais aprofundado. Isso porque a hipótese levantada

logo no segundo tópico do artigo foi de que o *Compêndio da Arte Militar* era marcado pelo encontro entre uma ordenação da história romana por ciclos e uma homogeneização do passado romano. Ora, como percebemos no tópico anterior, a leitura de Lendon não se sustenta quando confrontada com a ordenação do passado romano por ciclos de virtude e de vício esboçada por Vegécio. No entanto, há de fato uma homogeneidade quando se trata dos *exempla* elencados na obra. Se não se trata de uma concepção do passado achatada e desarticulada, o que seria? Em nossa leitura, tal compatibilização (ordenação cíclica e homogeneização do passado) seria indício fundamental de que a obra foi escrita em um contexto de brecha ou crise na ordenação temporal. Nesse ponto, outros autores se juntam a Hartog para tratar das brechas (ou fendas) no regime de historicidade. Embora grande parte deles pense questões relacionadas ao mundo contemporâneo, principalmente desde o final do Primeira Guerra Mundial. O cenário de duas guerras mundiais intercaladas por uma das maiores crises do capitalismo foi fundamental para que a forma como passado, presente e futuro fossem pensados e sentidos sofresse abalos. Não por acaso, uma pensadora judia sobrevivente da ocupação alemã na França, Hanna Arendt, pode ser destacada como uma arguta observadora das brechas temporais postas naquele momento. Foi ela quem enunciou um esboço de brecha temporal nos anos 1950, identificado em sua obra *Entre o Passado e o Futuro*, como um período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico, quando não somente os historiadores futuros, mas também os atores e testemunhas, os vivos mesmos, tornam-se conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda (Arendt 2016, 30).

Tais tendências se aceleraram dos anos 1960 até mais ou menos 1990, quando uma ordem do tempo presentista se mostrou predominante. A discussão sobre a passagem de uma ordem do tempo futurista para uma presentista não nos

interessa diretamente neste artigo, já que nosso objeto de estudo se enquadra na Antiguidade, quando, teoricamente, uma outra ordem do tempo vigorava, a passadista. Neste imaginário, o que vinha do passado era sempre melhor do que se conformava para o futuro, bem longe de nossas noções de progresso na Modernidade. Destarte, observar a passagem de um regime de historicidade a outro nos ajuda a entender que isso não se dá de maneira linear e automática e, mais importante, mostra como um regime de historicidade possui fragilidades internas. Se, desde o final da Primeira Guerra Mundial, foi possível observar brechas no futurismo, talvez possamos perceber rachaduras em outros contextos e em outros regimes de historicidade. Em nossa releitura, seguindo esses pressupostos teóricos, Vegécio não era um autor com visão desarticulada e achatada do passado. Ele estava articulando uma maneira bastante peculiar de uma visão cíclica da história romana com um universo de *exempla*. Sua ordenação não é indício de desorganização temporal, mas sim de uma nova proposta de ordenação. Isso pode ser indicativo de que, ao ordenar o passado, nosso autor estava também produzindo algo novo, o que se enquadra dentro do conceito de *aemulatio*, da emulação criativa. Ou seja, acreditamos que há um achatamento, uma compressão, proposital do passado feito pela via de uma articulação de diversas temporalidades na elaboração retórica do texto vegeciano. Além de se colocar dentro de uma tradição passadista, ele articulou diversos sedimentos da história militar romana (e, portanto, a homogenizou e a generalizou), justamente para criar perspectivas orientadoras para a crise que ele enxergava enfrentar em seu tempo e de forma a construir uma identidade romana. Todo processo de construção de uma identidade, lembremos, requer a contraposição mínima e generalista de uns e de outros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os manuais eram produções textuais que acolhiam e reelaboravam memórias. Na

sua construção, seus autores dispunham e divulgavam seus conhecimentos acerca de certas áreas técnicas, cujas práticas requeriam determinado saber. Como se esperava que os agricultores bem sucedidos em suas lavouras conhecessem minimamente os manuais agrários à disposição para leitura e/ou consulta como, por exemplo, os de Catão, Varrão ou Columela, de igual maneira os generais e demais chefes militares latinos na Antiguidade Tardia poderiam contar com o saber bélico contido nos manuais ditos militares, formulados para reproduzirem exemplos de táticas, práticas, estratégias, estratégias astuciosas, preparações físicas, características de terrenos e ambientes, entre outros assuntos pertinentes ao desenvolvimento da arte marcial. O combate era uma atividade humana que, para ser bem executada, requeria um conjunto de habilidades, que poderia ser adquirido e desenvolvido por meio da leitura ou audição de bons exemplos vindos do passado. Os manuais eram território literário propício para se comunicar relatos de bons e maus exemplos de condutas, que deveriam ser perseguidas, reproduzidas e/ou evitadas, buscando-se uma conclusão alvissareira para a contenda, a partir do ponto de vista de quem estava implementando as técnicas adquiridas pela leitura dos manuais.

Por isso, podemos defender que os manuais militares devem ser entendidos e estudados como manuais didáticos, cuja autoridade docente advinha da seleção e da posterior exposição das melhores técnicas bélicas conhecidas pelo produtor do manual. Desta forma, o passado de lutas, em diversos territórios e contra diferenciados povos, enfrentado pelos romanos, tornava-se manancial para o recolhimento e ressignificação de boas e de más estratégias, apto a estabelecer bons e maus desempenhos e efeitos. Com isso, o resultado da recolha de fatos bélicos na elaboração de um manual deve ser visto como ato cultural empreendido para a criação de um artefato totalmente vinculado ao contexto histórico e imagético onde se

deu sua composição. Costurando memórias, recordações, lembranças, reminiscências bélicas, a edificação de um manual militar dava-se no interior de um gênero literário que para se estabelecer como ato comunicativo deveria ser produzido respeitando-se várias regras de retórica e oratória. Sua importância e sua eficácia pedagógica dependiam de serem atraentes para os leitores e\ou ouvintes. E todas as ferramentas retóricas adequadas deveriam ser manuseadas na formatação do melhor e mais persuasivo discurso.

Assim, o ambiente bélico deve ser percebido como capaz de fornecer ao autor do manual instrumentos homiléticos passíveis de gerarem uma narrativa instrutiva acerca dos assuntos beligerantes. Vegécio tinha à sua disposição, no século quarto de nossa era, um rol extenso de exemplos de técnicas percebidas como executadas pelos comandantes nos campos de batalha, podendo-se, pela distância temporal e territorial da ocorrência do empreendimento, discriminá-las e dispô-las como adequadas ou inadequadas para o que o autor identificava como necessário para os romanos voltarem a vencer de forma gloriosa na Antiguidade Tardia. Parece-nos relevante destacar a forma como o conteúdo foi expresso no documento. Defendemos que foi o próprio Vegécio quem dividiu a matéria em quatro livros e, note-se, como o mesmo se organiza do geral para o particular. O primeiro livro aborda o mais fundamental para a formação bélica e para o sucesso de uma empresa militar: a escolha e a formação dos soldados. Sem esse didatismo, que incluía obediência, disciplina, técnica, entre outros atributos que deveriam e poderiam ser desenvolvidos nos recrutas por meio de instrumentos didáticos, não se descortinava vitória possível. No segundo livro, a memória impera como fio condutor da elaboração literária. Sem o conhecimento e a reprodução narrativa dos sucessos e dos fracassos dos antepassados, seria inviável se manter a glória no presente tardo antigo. O segundo livro vegeciano é um repositório da tradição responsável

por dar significado a tudo que se buscava implementar no presente do quarto século e se garantir para o futuro dos latinos e dos povos por eles administrados. O pertencimento ao Império Romano deveria sustentar, antes de tudo, a segurança dos povos aliados. E a tranquilidade e a paz eram os sustentáculos da abundância e da prosperidade. Sem as vitórias bélicas não se poderia manter o *limes*, e sem as fronteiras defendidas não se conseguiria prever e crer na estabilidade da manutenção do funcionamento das instituições imperiais. Por isso, é compreensível que o terceiro livro tenha sido dedicado ao desenvolvimento das técnicas necessárias para a aplicação de uma infantaria pesada, enquanto o quarto livro se refere aos cercos das cidades sitiadas e às necessidades impostas a uma guerra naval. Com o aumento dos combates e da frequência de sua eventualidade, tornava-se importante dominar didaticamente todo o arsenal bélico posto à disposição do conhecimento romano ao longo dos séculos. Mas a disposição deste conteúdo deveria ser atrativa ao leitor e ao ouvinte, visto que o caráter pedagógico só se completava de maneira integral se o relato realmente cooptasse a atenção de um público legente e\ou de uma plateia auricular.

O conhecimento vegeciano da tradição romana, cujo trabalho torna-se repositório, faz-nos defender que se tratava de um aristocrata, com tempo disponível para prostrar sobre as vitórias e as derrotas militares latinas. Sua preocupação com a necessária recomposição do exército na tardo antiguidade estipula-o como um cidadão imperial inquieto com novidades táticas que estariam corroendo o potencial técnico e moral dos soldados. Sua disposição acerca da natureza de caráter dos legionários indica sua freima com a perda de um componente mais identitário na formação dos combatentes. A formação militar parecia-lhe carecer de disciplina e ética elevada. Sem comando, sem estabelecimento de *auctoritas*, sem o ato de ordenar e vir a ser atendido na ordenança, não se formaria o melhor recruta. Mais do que recordar um rol de práticas

militares que teriam dado certo no passado romano, parece-nos que Vegécio defende em seu *Manual Militar* um retorno a boas concepções morais e éticas que teriam dado forma à *humanitas* latina (Veyne 1992, 283-302). E esta adesão ao bom comando seria um dos constituintes da identidade romana. Não seria cabível administrar o outro, se o romano não administrasse, comandasse, a si mesmo. O controle das paixões, das ambições, das invejas, entre outros sentimentos e afetos transborda da ética pagã e cristã para o campo do político e do militar. Vegécio não tem laivos de pregador cristão em seu manual, nem tem rasgos de proselitismo. Contudo, parece-nos ser ético em toda a estipulação de seu conteúdo. Não é possível separar religião de cultura. Não é provável desprender imaginário de identidade. Não é pensável distanciar moral de política. Não é confiável desagregar o território do governo do campo militar na Antiguidade. Produzir quatro livros sobre o conhecimento bélico só se tornava viável se o conhecimento militar se integrasse com a necessidade de se controlar os conflitos, e estes só seriam redimidos por meio da prática da sociabilidade e da moral.

Como relembra Brian Campbell (1994, 35), em *The Roman Army*, um exército em movimento é como uma cidade em movimento, pois em seu interior podemos encontrar membros de diversos estratos sociais, praticantes de inúmeras profissões, como cozinheiros, médicos, arquitetos, engenheiros, ferreiros, marceneiros, veterinários, prostitutas e artesãos diversos, entre outros. Neste extenso e fluido grupo humano podemos identificar regras de pertencimento, normas de conduta, anseios, hierarquias, conflitos, inimizades, etc... Portanto, analisar um manual militar, com expoentes características didático-pedagógicas e influências retóricas, como o *Compêndio da Arte Militar* de Vegécio, é uma oportunidade de refletir sobre os códigos de sobrevivência que inundaram a existência humana através dos tempos. Seu autor cristão soube olhar para o passado de forma

homogênea e generalista, resgatando uma concepção de tempo cíclico, cuja base era a certeza de que o conhecimento e a reprodução de boas atitudes, já empreendidas no passado, levaria certamente a um retorno da glória militar, responsável pela retomada da paz e da prosperidade no presente e no futuro imperial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes documentais

- Albernaz Lins Silva de Andrade, M. ^a C. 2011. *Tácito. Germânia*. São Paulo: Ed.USP.
- Bernabé Pajares, A. 2016. *Apiano. Historia Romana*. Madrid: Gredos,
- Bennet, C. E. 1925. *Frontinus. The Stratagems*. London: William Heinemann.
- Da Gama Kury, M. 1995. *Políbio. Histórias*. Brasília: Ed. UnB.
- Fairclough, H. R. 1916. *Virgil Georgics*. London: William Heinemann.
- Foster, B. O. 1967. *Titus Livius. History of Rome*. London: William Heinemann.
- Manclevist, W. A. 1958. *Caesar. The Gallic War*. Cambridge: Harvard University Press.
- Matos Peixoto, P. 1989. *Tito Lívio. História de Roma*. São Paulo: PAUMAPE.
- Milner, N. P. 2001. *Vegetius. Epitome of Military Science*. Liverpool: University Press.
- Monteiro, J. G. e Braga, J. E. 2009. *Vegécio. Compêndio da Arte Militar*. Braga-Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Parton, W. R. 1979. *Polybius. Historias*. vol. 1-2. London: William Heinemann.
- Raquel, V. 2022. *Júlio César. Guerras Gálicas*. São Paulo: Sílabo.
- Paniagua Aguilar, D. 2006. *Vegecio. Compendio de Arte Militar*. Trad. David Paniagua Aguilar. Madrid: Cátedra.
- Reeve, M. D. 2004. *Vegetius. Epitoma Rei Militar*. Oxford: Clarendon Press.
- Robles Gómez, J. M. ^a. 1999. *Vegecio. Medicina Veterinaria*. Madrid: Gredos.
- Scatolin, A. 2015. *Salústio. A Conjuração de Catilina*. São Paulo: Hedra.

White, H. 1899. *Apianus. The Foreign Wars*. Nova York: The Macmillan Company.

Obras gerais

Arendt, H. 2016. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva.

Barnes, T. D. 1977. The date of Vegetius. *Phoenix* 3. 254-257,

Barton, C. A. 2007. The price of peace in Ancient Rome. In: Raaflub, K. A. (Eds), *War and Peace in the Ancient World*, 245-255. Oxford: Blackwell.

Campbell, B. 1994. *The Roman Army*. London: Routledge.

Candau, J. 2018. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto.

Fernández Ubiña, J. 2000. *Cristianos y Militares: La Iglesia Antigua ante el Ejército y la Guerra*. Granada: EIRENE.

Formisano, M. 2018. Literature of Knowledge. In: McGill, S. e Watts, E. J. (Eds.), *A Companion to Late Antique Literature*, 491-504. Hoboken: Wiley Blackwell.

Frighetto, R. 2012. *Antiguidade Tardia*. Curitiba: Juruá.

Geertz, C. 2008. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Goffart, W. 1977. The Date and Purpose of Vegetius' 'De Re Militari'. *Traditio* 33, 65-100.

Goldsworthy, A. 2016. *Em Nome de Roma*. São Paulo: Planeta do Brasil.

Bravo, G. 1991. *Revueles Internas y Penetraciones Bárbaras en el Imperio*. Madrid: Alianza.

Bravo, G. 2023. *Roma Antigua. Una Historia Realista*. Madrid: Alianza.

Hartog, F. 1996. Regime de Historicidade [Time, History and the Writing of History]. *KVHAA Kofereanser* 37, 95-113.

Hartog, F. 2013. *Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo*. Belo Horizonte: Autêntica.

Hartog, F. 2014. *O Espelho de Heródoto*. Ensaio sobre a Representação do Outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Kershaw, S. 2020. *The Enemies of Rome. The Barbarian Rebellion against the Roman Empire*. London: Pegasus.

Koselleck, R. 2005. *Estratos do Tempo. Estudos sobre História*. São Paulo: Contraponto.

Koselleck, R. 2007. *Futuro pasado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. São Paulo: Contraponto.

Lendon, J. 2005. *Soldiers & Ghosts. A History of Battle in Classical Antiquity*. New Haven: Yale University Press.

Marcone, A. 2007. Late Roman social relations. In: Cameron, A. e Garnsey, P. (Eds.), *The Cambridge Ancient History. Volume XIII*, 338-370. Cambridge: Cambridge University Press.

Marrou, H. I. 1990. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU.

Matyszak, P. 2013. *Os Inimigos de Roma. De Aníbal a Átila, o Huno*. São Paulo: Amarelis.

McCall, J. 2002. *The Cavalry of the Roman Republic*. London: Routledge.

Glare, P. G. W. 1968. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: University Press.

Paniagua Aguilar, D. 2003. *La Epitoma Rei Militaris de Vegécio y el Imperator Invictus*. *Voces* 14, 165-183.

Richardot, P. 1998. La datation du "De Re Militari" de Végèce. *Latomus* 57 (1), 136-147.

Sahlins, M. 1997. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar.

Southern, P. 2006. *The Roman Army. A Social and Institutional History*. Santa Bárbara: ABC-CLIO.

Tavares, W. J. B. 2021. *A questão da Innoatio nos manuais militares romanos tardo-antigos*. Relendo o Compêndio da Arte Militar de Vegécio e a obra Sobre os Assuntos Militares (séc. IV d.C.). Tese. Universidade Federal de Goiás.

Veyne, P. 1992. Humanitas: Romanos e Não Romanos. In: Giardina, A. (Ed.), *O Homem Romano*, 283-302. Lisboa: Presença.

Whately, C. 2015. The Genre and Purpose of Military Manuals in Late Antiquity. In: Greatex, G. e Elton, H. (Eds.), *Shifting*

O manual militar como artefato cultural: Vegécio e a ordenação do passado romano no Compêndio da arte militar (século IV d. C.)

Genres in Late Antiquity, 249-262.
Burlington: Ashgate.